

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS DA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO E DO MOGI MIRIM ESPORTE CLUBE

ADORNO, Fernanda Raserá
nandaihs@gmail.com

ADORNO JÚNIOR, Hélcio Luiz
Faculdade Santa Lúcia
helcio.prof@santalucia.br

RESUMO

O futebol é, sabidamente, uma das paixões dos brasileiros. Agrega diferentes classes sociais em torno de um entretenimento comum: o esporte. Sejam dirigentes, jogadores, treinadores, massagistas, cronistas ou mesmo como espectadores, o universo subjetivo do futebol é bastante amplo e democrático. Na história do Brasil e, como não poderia ser diferente, do município de Mogi Mirim, o futebol sempre teve considerável influência, como se estudará neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: *futebol; esporte; história; clube; Mogi Mirim.*

INTRODUÇÃO

O tema deste ensaio é a história do futebol brasileiro, com especial destaque para a prática do esporte no município de Mogi Mirim. Para desenvolvê-lo, foram feitas pesquisas de campo, documental e bibliográfica.

Antecede ao tema central uma breve análise da história do futebol no Brasil, com referência particular ao período do governo de Getúlio Vargas. Além de ter influenciado fortemente a economia e as relações de trabalho, a era Vargas interferiu na prática do futebol brasileiro, utilizando-o como

instrumento de formação da identidade nacional.

O segundo momento da pesquisa trata especificamente do futebol no município de Mogi Mirim, destacando a importância do esporte para o desenvolvimento do município e os rumos que o clube trilhou em diferentes gestões, tanto quanto à estrutura física como com relação à dinâmica nos campeonatos de que participou.

O objetivo do artigo é mostrar que os mesmos elementos que inspiraram a prática do futebol em âmbito nacional, fizeram-se presentes na divulgação do esporte em Mogi Mirim.

2. A HISTORIOGRAFIA DO FUTEBOL

O estudo do futebol ganhou espaço nos meios acadêmicos especialmente a partir da década de 1990. Para abordar as principais questões acadêmicas sobre a prática do futebol no Brasil, buscou-se direcionar a pesquisa junto a historiadores que se dedicaram ao tema.

No que se refere à introdução do futebol no Brasil, notadamente quanto às tensões e aos embates que gerou, são significativas as lições de Pereira (2000), que esclarecem o modo pelo qual os clubes foram se formando e as etnias e segmentos de classes sociais que os constituíam. Os jogadores eram brancos, negros ou mulatos, operários, muitos dos quais imigrantes, ou integrantes da elite, que foi a detentora dos jogos no início.

O autor ensina que, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que o futebol parecia definir uma identidade nacional, era capaz de revelar as diferenças sociais que se faziam presentes no início do século XX. Também identifica essas diferenças sociais na prática do futebol por meio dos debates literários travados entre os intelectuais cariocas, os quais, amando ou repulsando o novo esporte, percebiam que mobilizava a sociedade (PEREIRA, 2000, p. 216):

[...] A lógica que os movia era simples. Para além de suas diferenças, todos esses escritores se mostravam, no período, impressionados com a grande inserção do futebol na cidade. Fosse vendo nela um benefício ou uma maldição, o fato é que essa popularidade era atestada até mesmo por ferrenhos adversários do jogo. [...]

Coelho Netto (1918) e Barreto (1956) são citados por referido autor para destacar as diferentes maneiras de se entender o esporte, sendo que para o primeiro, o futebol foi um grande agente de consolidação de uma

raça brasileira, pois as partidas constituem um meio de cultivar a noção de coletividade e disciplina. Coelho Netto (1918) apresenta-se, assim, como literato influente em matéria da história do futebol (PEREIRA, 2000).

Barreto (1956) mostrou a antítese ao pensamento de Coelho Netto (1918). Para ele, os clubes de futebol constituíam-se a partir das diferenças de classes e de raças, reafirmando-as de modo negativo, pois a discriminação que excluía negros e pobres fazia-se presente no movimento que o esporte articulava, além de provocar constantes embates entre paulistas e cariocas (PEREIRA, 2000).

Com base nos estudos de referidos autores, Pereira (2000, p. 226) explica que seus argumentos embasam-se no pensamento comum de que o futebol envolvia um domínio apto a assegurar fortuna aos grupos que o detinham, nos seguintes termos:

[...] Para além dessas diferenças radicais, podemos encontrar, no entanto, um substrato comum que guiou a construção de sentidos para o jogo: de uma forma ou de outra, o futebol seria realmente para eles um elemento de controle sobre seus adeptos, pois todos atribuíam ao jogo o poder de definir os destinos dos diversos grupos que o praticavam – visão que se tornava, no período, quase consensual entre jornalistas e literatos. [...]

Costa (2006) ensina que a busca da identidade nacional brasileira também tinha viés político que, nos anos de 1930, encontrou no futebol importante suporte. Segundo ele, durante a era Vargas, o Brasil passou por significativas transformações, que o reestruturaram nos âmbitos político, econômico, social e cultural, sendo que, neste último, o futebol e o samba serviram de alicerce para a redefinição da identidade nacional.

Para mostrar o modo pelo qual o governo Vargas usou o futebol para seus propósitos, o autor narra a trajetória política do esporte. Destaca o fato de que envolveu dissensos entre paulistas e cariocas, principalmente quanto à manutenção dos times como amadores ou a adoção do profissionalismo.

O governo Vargas comumente associava eventos políticos ao futebol, como, por exemplo, realizando festividades em estádios e jogos amistosos para despedida de pracinhas brasileiros que rumavam à Itália no período da Segunda Guerra Mundial. Como se não bastassem essas interferências, o governo entrou na acirrada discussão entre os que defendiam o amadorismo e os que eram favoráveis a implantação do profissionalismo no futebol, episódio que ficou conhecido como dissídio esportivo. Foi criada uma

federação de times paulistas, cariocas, mineiros e sulistas favoráveis ao futebol profissional, que foi denominada Federação Brasileira de Futebol (FBF). Gerou sérios obstáculos para a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), criada em 1919, que se viu obrigada a adotar o profissionalismo, diante do sucesso da Federação Brasileira de Futebol e porque os melhores jogadores que poderia convocar para a Copa do Mundo de 1934 estavam vinculados a ela. Na década de 1930, o mediador de mencionado dissídio foi o próprio governo. Buscou ajustar o futebol com regras expressas, assim como fazia em outros campos de atuação, como, exemplificativamente, nas relações de trabalho. Deste modo, o governo reconquistou o controle do futebol nacional. Isto ocorreu em 1941, com a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos), que permitiu ao governo administrar mais de perto o esporte, ao centralizar poderes nas mãos da entidade mencionada (COSTA, 2006).

A Copa do Mundo de 1938 evidenciou para o país a importância da intervenção estatal sobre a política futebolística. Com o fim dos dissensos, a seleção brasileira que disputou o Campeonato Mundial foi convocada pela Confederação Brasileira de Desportos, desta feita sem os entraves que havia em 1934. Segundo Costa (2006, p. 112), “pela primeira vez, o Brasil enviava a um Campeonato Mundial uma seleção com os jogadores de maior destaque no país” e até mesmo Getúlio Vargas espantou-se com o desalento do povo com a derrota da seleção brasileira para a italiana naquela Copa do Mundo.¹

O estudo do futebol como agente de integração da sociedade brasileira não é novidade, pois data do início do século XX, conforme Maranhão (2006), que ensina que, em matéria de identidade nacional, a eugenia² compunha a pauta e o negro, na distorcida visão dos eugenistas, estava fadado a desaparecer da nacionalidade brasileira. Assim, era importantíssimo alocá-lo na prática futebolística, para o que, na Era Vargas, aos negros e mestiços foi atribuída a autoria da peculiaridade brasileira de se jogar futebol.

O autor apresenta debate que se instalou no Brasil por referência à obra de Mário Filho (2003), lançada originalmente em 1947, com o título

¹ Na final da Copa do Mundo de 1938, Leônidas estava contundido e Niginho tinha sido suspenso. Esse desfalque de jogadores interferiu no desempenho da seleção brasileira, facilitando a vitória da Itália. O protesto de Domingos da Guia no segundo tempo do jogo contra agressão de um jogador italiano fez com que o árbitro marcasse penalidade máxima aos adversários, sacramentando o resultado da partida em Itália 2 e Brasil 1 (COSTA, 2006).

² Eugenia é o conjunto dos métodos que visam melhorar o patrimônio genético de grupos humanos; teoria que preconiza a sua aplicação (PRIBERAM, 2010).

O negro no futebol brasileiro, prefaciada por Gilberto Freire, autor de *Casa Grande e Senzala*.³ Para ele, os argumentos de Freire (2003), que enfatizavam os pontos positivos da mestiçagem no futebol brasileiro, foram reforçados pela escalação da seleção brasileira no Campeonato Mundial de 1938. Era composta de brancos, negros e mulatos, o que, para os eugenistas, representava ameaça para a formação da sociedade brasileira, pois recebavam, descabidamente, que o Brasil fosse inferiorizado em âmbito internacional.

Não passou despercebido por Maranhão (2006, p. 447) conceito de Freire (2003) ao qual denominou “discurso do silêncio”. Segundo ele, quando Freire propõe uma comparação entre os jogos brasileiros e europeus com deuses da antiguidade grega – mais precisamente Apolo e Dionísio⁴ – deixa entrever o pensamento de que os brasileiros (como dionisiacos) não possuem a forma racional de jogar que caracteriza os europeus (como apolíneos), pois a herança africana tenderia a reduzir tudo à dança naturalmente.

Maranhão (2006) identifica em Mário Filho (2003) a assimilação da teoria de Freire (2003), quando trata do modo brasileiro de jogar futebol, sobretudo diante da forte presença do negro e do mulato, atribuindo ao esporte participação contundente na edificação da nação.

Neste contexto, de inserção dos negros e mulatos como integrantes da identidade nacional brasileira, Lopes (2004) destaca o importante papel da imprensa, tanto para a estabilização dos jogadores, como para a popularização do futebol. Parte dos estudos do jornalista Mário Filho (2003) para analisar a influência do futebol na sociedade brasileira dos anos de 1930. Conclui que o esporte conquistou paulatinamente mais espaço, mormente diante das intrínsecas relações com a política. Para ele, Mário Filho (2003) foi o grande incentivador do futebol, pois influenciou no processo de transformação do esporte, que inicialmente era identificado como bretão, devido às origens britânicas, e gradualmente foi sendo assimilado como brasileiro. O autor sustenta que essa transformação somente foi possível devido à inserção de público de torcedores e jogadores menos abastados nos estádios e nos campos, respectivamente.

³ A importância do negro e do mulato para a sociedade brasileira, segundo Freire (2003), contrapõe o que afirmavam os eugenistas, que viam nos afrodescendentes um ponto negativo para sua formação.

⁴ Apolo e Dionísio são deuses da mitologia grega, sendo o primeiro descrito como um jovem alto e bonito. Além de simbolizar a ordem, a medida e a inteligência, também é considerado patrono das artes. Ao contrário, Dionísio era o deus do prazer, das festas e orgias, do vinho e da noite, o que significa ausência de regras (MARANHÃO, 2006).

O processo de transformação pelo qual passou o futebol brasileiro, inclui a profissionalização do esporte e afirma que sua popularização agregou pessoas que não procuravam somente o lazer, como fazia a elite, mas que esperavam que o futebol permitisse a ascensão social e o alcance da condição de ídolos esportivos perante a sociedade brasileira. Segundo Lopes (2004, p.77):

[...] O futebol oferece de fato uma ‘linguagem comum’, compreendida por todas as classes da sociedade e, através da imprensa, imagens hagiográficas dos grandes jogadores: o futebol aparece como um universo idealizado de justiça social em que vencem os mais corajosos e os mais talentosos, uma meritocracia cujos critérios de justiça são implicitamente generalizados ao conjunto da sociedade. [...]

Para Lopes (2004, p. 77), Mário Filho (2003) foi o grande incentivador do futebol, por sua atuação na imprensa, ressaltando que “suas campanhas, seus concursos e conceitos encontram grande receptividade”. Como articulador de um ecumenismo entre classes sociais e diferentes clubes esportivos, em espaços neutros, como cafés e bares, promovia encontros de torcedores de camadas sociais distintas, cumprindo, assim, o ministério de escritor público. Como autêntico provedor do esporte, o jornalista protegeu o futebol do perigo de enfraquecimento que o sondava em decorrência dos dissensos sociais e políticos que estabelecia como, por exemplo, na questão do amadorismo e do profissionalismo.

3. IDENTIDADE NACIONAL E PAIXÃO PELO CLUBE

Pode-se afirmar que o futebol foi e continua sendo importante agente para a consolidação da identidade nacional brasileira. O futebol foi usado, sobretudo na era Vargas, como instrumento para manifestações políticas e sociais, que o colocaram como símbolo nacional brasileiro (COSTA, 2006). Como observou Pereira (2000), no entanto, embora parecesse unir os brasileiros em torno de idêntica emoção, o futebol também provocava dissensos políticos e sociais. Segundo o antropólogo Damatta (1994, p. 12):

[...] De fato, essa relação entre povo e futebol tem sido tão profunda e produtiva que muitos brasileiros se esquecem de que o futebol foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada, e a saudade, um produto brasileiro. [...]

Os historiadores afirmam, em sua grande maioria, que o futebol foi utilizado com o intuito de promoção pelo governo de Getúlio Vargas, sendo expoentes deste pensamento Costa (2006) e Pereira (2000). Apesar da mencionada mobilização nacional, é preciso considerar, ainda, que o futebol estimula identificações em esferas geográficas menores que a da identidade patriótica, ou seja, regionalmente.⁵

Ao retratar o surgimento de times nos bairros cariocas nas segunda e terceira décadas do século XX, Pereira (2000) analisa como as torcidas foram alicerçando o sentimento de pertencimento aos clubes, a ponto de rivalizar entre elas. Segundo ele, as associações esportivas surgiam nos subúrbios cariocas, utilizando seus próprios nomes e se organizando pelo critério da vizinhança, que constituía a marca maior de sua identidade.

Menciona como exemplos, entre outros, clubes como Maria Angu, Cascadura Futebol Clube, Campo Grande Futebol Clube, Del Castilho, os quais eram batizados com o nome dos bairros aos quais pertenciam. Apesar de a prática ter sido seguida também por grandes clubes, como Botafogo e Flamengo, o autor reconhece nos clubes menores a expressão mais significativa da identidade bairrista, sustentando que a grande participação de trabalhadores de baixa renda proporcionava-lhes perfil próprio. Os pequenos clubes, diferentemente dos outros, abarcavam público mais amplo, pois não estabeleciam, em seus estatutos, perfil físico ou social para os sócios, possibilitando a participação de pessoas negras e pobres. Ainda segundo Pereira (2000, p. 233), as agremiações bairristas deram sentido mais amplo ao futebol, como modo de “garantir a disseminação social do desenvolvimento físico, da solidariedade e da disciplina”. Esse novo sentido expressava-se na defesa das cores de cada clube em campo, com característica diferente da dos primeiros propagadores do esporte.

O autor destaca, também, que apesar dos estatutos dessas agremiações ditarem regras de solidariedade entre os clubes, que de fato existiam e eram manifestas em torneios de camaradagem, como, por exemplo, no aniversário de uma agremiação, tanto os times dos bairros vizinhos como os

⁵ No primeiro Simpósio de Estudos sobre Futebol, que foi realizado em maio de 2010, no Museu do Futebol em São Paulo, o pós-doutor em História Medieval, Hilário Franco Júnior, durante a conferência de encerramento, declarou que “[...] na vivência do futebol, o que nos anima ou não, é a identidade clubística e não a nacional. A violência num Campeonato Mundial é menor porque o espírito é outro... É no dia-a-dia nos clubes que se estabelece a rivalidade. Assim fica evidente que é nos clubes que se alicerça o futebol. Sem os clubes não tem seleção nacional [...]” (cf. anotações pessoais dos autores do presente ensaio).

mais longínquos comemoravam o evento com um torneio. Assim, a relação entre eles não se limitava à camaradagem, mas atingia as raias da disputa pela vitória. As ofensas entre diretores dos clubes começavam a virar notícia nos jornais e a agressão entre torcedores, que eram impulsionados pela paixão aos seus times, ganhavam terreno.

A paixão excessiva pelo time a que o futebol leva os torcedores, jogadores e diretores, pode ser entendida a partir da análise social do capitalismo. Damatta (1994) analisa a sociedade moderna, moldada por valores capitalistas, na qual os vencedores são sempre os mesmos, para mostrar que a realidade é alterada, entre outros esportes, pelo futebol. O esporte faz jus a todas as classes sociais, alternando sempre o vencedor. A adesão a um determinado clube permite ao integrante figurar como vitorioso ou como perdedor, mas por regras claras, universais e não excludentes.

O autor sustenta que, sendo o futebol, ao lado da arte, uma negação ao utilitarismo⁶ vigente na sociedade moderna, não deixa de ser regrado pelas normas do capitalismo. Menciona, como embasamento de sua assertiva, a disciplina que o esporte impõe às massas, ou seja, a pontualidade de comparecimento os estádios, o pagamento dos ingressos e os efeitos dos resultados das partidas para o campeonato.

Além da disciplina e do *fair-play*⁷, a escolha de determinado clube remete ao coletivismo. Exemplificando com versos do hino do Flamengo⁸, ele escreve que a coletividade pode integrar simpatia e laços de sangue, de raça ou de amor, os quais, em sociedade, são expressos pela família e podem ser concretizados pela escolha individual de um time de futebol. Segundo ele, a prática do futebol contribui para a integração, como autêntica corporação, de uma coletividade com altas fragmentações internas, permitindo que obtenha a almejada vitória.

Outro fator relevante que esse autor aponta como exemplo de força integrativa do futebol é a oportunidade de vitória que dá à população mais pobre. Por meio de seus times favoritos, a massa populacional de baixa

⁶ Utilitarismo, em breves palavras, é a rotina imposta ao ser humano, pela qual se depara com obrigações, deveres e castigos, entre os quais o trabalho. É o sistema de moral que coloca no interesse particular ou geral a regra de nossas ações (PRIBERAM, 2010).

⁷ Ligado à ética esportiva, o *fair-play* exige integridade no respeito às regras que o jogo propõe e a camaradagem entre os membros da equipe e seus adversários. Jogo limpo, honestidade, justiça (MICHAELIS, 2010).

⁸ Uma vez Flamengo, sempre Flamengo. Flamengo sempre, eu hei de ser. É meu maior prazer vê-lo brilhar, seja na terra, seja no mar. Vencer, vencer, vencer! Uma vez Flamengo, Flamengo até, morrer! (MAGALHÃES; BARBOSA, 2010).

renda experimenta a vitória da qual é alijada na sociedade capitalista. Sua atuação junto à torcida faz com que vibre com a vitória de seu time como se fosse própria, sentimento que a grande massa desconhece em âmbitos social e político. Conclui que o futebol permite a alternância de posições como vencedores e perdedores, contribuindo, assim, para promover os sentimentos de igualdade e de justiça social (DAMATTA, 1994).

4. O MOGI MIRIM ESPORTE CLUBE

O Mogi Mirim Esporte Clube, conhecido como o sapão da mogiana, por ter como mascote um sapo, foi fundado em 1º de fevereiro de 1932, segundo dados oficiais da Federação Paulista de Futebol (FPF) (2010). Deste registro, no entanto, discorda Patelli Filho (2010), importante historiador do município⁹:

[...] A respeito do Mogi Mirim Esporte Clube, localizei, em diversas fontes, uma série de documentos, fotos e depoimentos, que permitem afirmar com toda certeza que existe um engano clamoroso com relação à data de fundação do clube, provando que não é primeiro de fevereiro de 1932, mas sim, quatorze de outubro de 1903, isto é, vinte e nove anos antes. [...]

Além de contestar a data apontada como de fundação do clube mogimiriano, o historiador informa que o então denominado Mogy-Mirim Sport Club tinha outro mascote, pois era conhecido como Pantera da Mogiana. Segundo sustenta, a data de 1º de fevereiro de 1932 foi de sua reorganização e não de sua fundação, sendo presidente na ocasião o Dr. Tomaz Palma da Rocha¹⁰.

A prevalecer a data de fundação mencionada por referido historiador, o Mogi Mirim Esporte Clube passaria a ocupar a condição de terceiro clube mais antigo em atividade no Estado de São Paulo e a figurar entre os dez primeiros do Brasil¹¹. Foi junto ao editorial do jornal O Mogyano (1903) que Patelli Filho (2010) colheu importantes elementos para formar sua convicção, como se verifica pelo trecho de notícia a seguir transcrito¹²:

⁹ Informações obtidas junto ao acervo pessoal do historiador mogimiriano Nelson Patelli Filho.

¹⁰ *Ibidem* nota 5. Os dois clubes mais antigos em atividade no futebol paulista seriam, assim, o Clube Atlético de Votorantim (01.01.1900) e a Associação Atlética Ponte Preta de Campinas (11.08.1900).

¹¹ *Ibidem* nota 8.

¹² *Ibidem* nota 8. Nos registros de referido autor não há identificação de páginas do periódico.

[...] No dia 14 de outubro de 1903, nos salões do Grêmio Beneficente Português, em Mogi-Mirim, reuniram-se os sócios fundadores do Mogi Mirim Esporte Clube, para a leitura, discussão e aprovação dos estatutos e eleição da primeira diretoria. Aprovados os estatutos, procedeu-se a eleição da diretoria e sendo empossada aquela que já estava atuando em caráter provisório desde o mês de outubro [...]

Ainda conforme registros do pesquisador, o primeiro presidente do clube foi o Dr. Arthur Prado Lima e o seu campo ocupou, por pouco mais de trinta anos, terreno que abriga atualmente a Santa Casa de Misericórdia de Mogi Mirim¹³. No jogo inaugural das atividades do clube, o adversário foi o Ginásio Atlético Clube, de Campinas, informação que Patelli Filho (2010) extraiu do editorial do jornal O Mogyano (1903), periódico que noticiou a vitória do time da casa por um gol¹⁴:

[...] Coube a felicidade de fazer o único gol a J. Canto, mogimiriano neto de nosso inolvidável chefe, o coronel Venâncio Ferreira Alves Adorno, no primeiro *half-time*. [...] Como se vê, a nova diversão, hoje generalizada em quase todas as cidades importantes, deste e de outros Estados, entre nós desperta extraordinário entusiasmo. [...]

Para reforçar a tese de que a data de fundação do clube é anterior àquela que é oficialmente mencionada, o historiador cita notícia do jornal O Popular (1932), nos seguintes termos¹⁵:

[...] O Mogi-Mirim Esporte Clube, que recentemente reiniciou a sua vida no cenário esportivo, caminha novamente para um novo ciclo de glórias, tendo-se já constituído a sua diretoria, que com denodo trabalha para o engrandecimento dos esportes em nossa terra, procurando assim desenvolvê-los, pois é cultivando os esportes que se aperfeiçoa uma raça. [...]

Como a maioria dos clubes contemporâneos de futebol, iniciou como amador, profissionalizando-se apenas em 1954. Já na condição de clube profissional, e no próprio ano de sua profissionalização, o Mogi Mirim Esporte Clube disputou, pela primeira vez, o Campeonato Paulista de

¹³ *Ibidem* nota 8.

¹⁴ *Ibidem* nota 11.

¹⁵ *Ibidem* nota 11.

Futebol, entre os clubes da segunda divisão, como notícia eletronicamente a Federação Paulista de Futebol. Essa não foi, porém, a primeira oportunidade em que o clube mogimiriano participou de uma competição oficial. Desde sua fundação, disputou, por vinte anos, o Campeonato do Interior, torneio do qual foi campeão em 1933, ainda conforme dados da Federação Paulista de Futebol (FPF, 2010).

Na década de 1960, o clube não manteve atividades. A partir de 1970, voltou a disputar a segunda divisão do Campeonato Paulista de Futebol. Passou por um conturbado período de descenso à terceira divisão, entre 1979 e 1981, para depois se tornar campeão da segunda divisão em 11 de dezembro de 1985, mediante empate em partida disputada com o Tanabi, no estádio Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, quando logrou o acesso à primeira divisão dos clubes paulistas (MMEC, 2010).

Seus melhores resultados foram obtidos nos Campeonatos Paulistas de 1992 e de 1993, competições na quais revelou jogadores de renome internacional. Sagrou-se campeão da Copa Noventa Anos da Federação Paulista de Futebol, em 1992 e, no ano seguinte, do torneio Ricardo Teixeira, agregando importantes títulos ao seu currículo (MMEC, 2010).

Chegou a ser rebaixado à segunda divisão em 1994 e em 2006, mas não tardou a retornar à elite do futebol paulista em ambas as ocasiões. Também disputou a série B do Campeonato Brasileiro, entre 2002 e 2004, direito que conquistou após ter sido vice-campeão do torneio da série C, em 2001. Em 2006, outra importante vitória foi obtida pelo clube, desta feita na categoria sub-20, quando venceu o Campeonato Paulista, mostrando sua força nas categorias de base do futebol, como registra a Federação Paulista de Futebol (FPF, 2010).

Seu atual estádio tem capacidade para acomodar cerca de vinte mil torcedores. Foi construído em terreno cedido pelo governo do Estado, sob a intermediação de Vail Chaves, cujo nome batizou o estádio para homenageá-lo. A Comarca (1937) ilustra essa passagem histórica do clube, conforme Patelli Filho (2010)¹⁶:

[...] A diretoria do Mogy Mirim Esporte Clube, profundamente reconhecida ao Sr. Vail Chaves, diretor-gerente da Empresa Água e Luz pelo seu gesto pondo à disposição da entidade esportiva mogymiriana o terreno necessário à construção de uma nova praça de esportes, deliberou em sua

¹⁶ *Ibidem* nota 11.

última reunião, prestar homenagem àquele cidadão, dando o seu nome ao local, onde, futuramente, se realizarão os prélios futebolísticos. Assim, aceitando a sugestão de 'A Comarca', a diretoria do MMEC resolveu denominar o seu novo campo de 'Praça de Esportes Vail Chaves'. Muito bem. Agradecemos à diretoria do MMEC o acolhimento à nossa lembrança, e damos-lhe os parabéns pela homenagem prestada ao Sr. Vail Chaves, gesto aliás, de inteira justiça. [...]

Por ocasião do acesso à primeira divisão do Campeonato Paulista e, para atender às exigências regulamentares da Federação Paulista de Futebol, o estádio passou por reformas. Foi consideravelmente ampliado e modernizado, passando a ter o nome de seu então presidente, Wilson Fernandes de Barros. Posteriormente foi batizado como Estádio Papa João Paulo II, por ocasião do falecimento do pontífice da Igreja Católica e também com o propósito de homenageá-lo. O nome do estádio foi posteriormente substituído por Romildo Vitor Gomes Ferreira, pai de um dos presidentes do clube que se seguiram (MMEC, 2010).

O Mogi Mirim Esporte Clube começou a se estruturar como empresa nos anos oitenta, sob a presidência do empresário Wilson Fernandes de Barros. Ele esteve à frente do clube entre 1981 e 2008, quando faleceu. Foi sucedido por jogador que havia sido revelado no próprio Mogi Mirim Esporte Clube, Rivaldo Vitor Borba Ferreira, que figurou na presidência do clube de outubro de 2008 ao início de 2011, quando se afastou para jogar no São Paulo Futebol Clube. Juntamente com outras revelações e sob o comando do técnico Oswaldo Alvarez, havia composto o chamado carrossel caipira, apelido que o time recebeu em alusão ao esquema tático então implantado (3-5-2), semelhante ao da seleção holandesa de 1974, com jogadores sem posições fixas e se alternando constantemente no gramado, de modo a confundir a marcação pelo time adversário (MMEC, 2010).

É notória a importância do Mogi Mirim Esporte Clube para o município. Além de divulgá-lo, sobretudo por levar o seu nome, movimenta e aquece a economia local, atraindo, especialmente em dias de jogos, moradores de municípios de toda a região, como se constata nas datas de realização desses eventos esportivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é sem motivos que o futebol é chamado de paixão nacional. Constitui importante instrumento de fortalecimento da identidade nacional

entre os brasileiros. Apesar de ter sido inventado na Inglaterra, conquistou tantos adeptos entre os brasileiros que todos se esquecem de sua origem estrangeira. De qualquer modo, uma de suas variantes, que é o futebol de salão, foi criada no Brasil.

O governo Getúlio Vargas identificou a importância do esporte para criar essa identidade nacional, o que é possibilitado pela disciplina e pelo coletivismo que inspira. Na década de 1930, foram constantes as utilizações de eventos esportivos para divulgação de feitos governamentais, como ocorreu com a despedida dos combatentes da Segunda Guerra Mundial.

O futebol tem o condão de agregar pessoas de diferentes classes sociais e de permitir que as disputas sejam democráticas. Apesar de se sujeitar a regras pré-estabelecidas, o futebol propicia às pessoas de menores rendas alcançarem, na condição de torcedores e por meio de seus clubes, a condição de vencedores, quase sempre mitigada pelo capitalismo.

Os clubes nasceram, em sua maioria, em bairros, ou seja, regionalmente, muitas vezes sob a influência de imigrantes, o que ditou a rivalidade até hoje existente entre eles. Mesmo nas confraternizações, como, por exemplo, nas comemorações de aniversários dos clubes, costumava-se disputar partidas das quais, embora amistosas, todos queriam sair vencedores.

A profissionalização do futebol brasileiro gerou significativos dissensos entre os adeptos ao esporte, sobretudo entre cariocas e paulistas. Essas controvérsias influenciaram inclusive a formação do Conselho Nacional de Desportos e a convocação de jogadores para a seleção brasileira nas disputas de campeonatos mundiais, como resultado da interferência governamental na administração do futebol.

O Mogi Mirim Esporte Clube, apesar de ter sido reorganizado na era Vargas, mais precisamente em 1932, foi efetivamente fundado em 1903, conforme importantes relatos históricos. Iniciou-se, assim como a grande parte dos clubes brasileiros, como amador, profissionalizando-se em 1954.

O time que leva o nome do município de Mogi Mirim compõe a primeira divisão do Campeonato Paulista de Futebol, à qual ascendeu após vencer a competição da segunda divisão, em 1985. Por ter adotado gestão moldada em estilo empresarial, a partir da década de 1980, o clube conseguiu montar significativa estrutura e revelar importantes profissionais ao esporte, figurando entre os mais importantes times paulistas. Propicia entretenimento aos mogimirianos e aos moradores de municípios vizinhos, inspirando, em âmbito local, os sentimentos de coletividade e disciplina que marcam os

efeitos do futebol brasileiro nacionalmente.

O futebol contemporâneo, assim como outros eventos esportivos, tem despertado o interesse empresarial para a divulgação de suas marcas, por meio de patrocínio, e para a transmissão de campeonatos pelas emissoras de televisão. O aspecto positivo desse quadro é a maior organização das equipes e dos campeonatos para a atração do público, mas o ponto negativo é a forte influência desses interesses financeiros nos rumos do esporte, o que deve ser evitado para que se mantenha a paixão popular que desperta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A. H. L.. Sobre o *foot-ball*, Brás Cubas, 15 de agosto de 1918, em **Vida Urbana**, São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 147-150.

COELHO NETTO, H.. **Esphinge**. Porto: Liv. Chadron, 1918. 230p.

COSTA, M. da S. D.. Os gramados do Catete: futebol e política na era Vargas (1930-1945), In: SILVA, F. e SANTOS, R. (Org.). **Memória Social dos Esportes** - futebol e política: A construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006, pp. 107-131.

DAMATTA, R.. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, 1994, p. 10-17.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. Sítio eletrônico. Disponível em <http://www.futebolpaulista.com.br>. Acesso em outubro de 2010.

FREIRE, G.. **Casa grande e senzala**. 51ª ed., São Paulo: Global, 2003, 728p.

LOPES, J. S. L.. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, nº 22, junho-agosto, 1994, São Paulo, p. 64-83.

MAGALHÃES P.; BARBOSA. C.. **Hino do Flamengo**. Disponível em <http://letras.terra.com.br/flamengo/224185/>. Acesso em outubro de 2010.

MARANHÃO, T.. Apolíneos e dionisíacos – o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do povo brasileiro. **Revista Análise Social**, nº 179, abr./jun. 2006, Lisboa, p. 435-450.

MICHAELIS. Moderno Dicionário Inglês. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/ingles/index.php>. Acesso em outubro de 2010.

MOGI MIRIM ESPORTE CLUBE. Sítio eletrônico. Disponível em <http://www.mogimirim.com.br>. Acesso em outubro de 2010.

PATELLI FILHO, N.. Acervo pessoal. Mogi Mirim - São Paulo. Consulta pessoal. Acesso em outubro de 2010.

PEREIRA, L. A. de M.. **Footballmania/Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 14; 187-250.

PRIBERAM. Dicionários da Língua Portuguesa, 2010. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=chave>. Acesso em outubro de 2010.

RODRIGUES FILHO, M.. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Mauad, 2003, 360 p.

